

O QUE É SER MASCULINO: UM ESTUDO SOBRE A CRISE E AS MARCAS DA MASCULINIDADE

FABIANA DE FÁTIMA MATOS QUEIROZ RIBEIRO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

CAROLINA MARIA MOTA SANTOS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

Agradecimento à órgão de fomento:

Fapemig

O QUE É SER MASCULINO: UM ESTUDO SOBRE A CRISE E AS MARCAS DA MASCULINIDADE

Palavras Chave: Trabalho, Paternidade e Divisão de responsabilidades.

INTRODUÇÃO

Valores vinculados ao masculino, mantidos pela manutenção da ideia de masculinidade universal, sofreram uma ruptura na década de 1990, e valores vistos como femininos ganharam espaço em substituição dos antigos valores. Isto ocorre devido à quebra da ideia da masculinidade universal, ruptura ocorrida devido aos estudos de diversos grupos e movimentos sociais que contestavam a masculinidade e os papéis sociais determinados a serem executados por homens e mulheres (Badinter, 1993).

A partir desta quebra, o olhar deixa de ser para apenas uma masculinidade, a universal e se volta para o entendimento de uma masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas (Eccel & Grisci, 2011), sendo a hegemônica um modelo que se sobrepõe as masculinidades subalternas bem como as feminilidades, ou seja, é uma forma de dominação a grupos considerados portadores de características inferiores (Carrigan, Connell & Lee, 1987; Fialho, 2006).

Os estudos demonstram que a crise da identidade masculina tem mais de uma causa, contribuíram fortemente a crise do trabalho iniciada na era industrial e as contestações ao masculino (Nolasco, 1993; Badinter, 1993; Carmo, 2010). Na era industrial, ocorre à entrada das mulheres no mercado de trabalho, mesmo elas recebendo um salário menor que o homem, o homem perde o status de único provedor do lar, pois já não é a única referencia no sustento familiar (Giffin, 2005; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006). As contestações ao masculino abrem espaço para novas formas de masculinidade tanto na área do trabalho quanto no lar, e visam comportamentos mais equitativos entre homens e mulheres (Addis, Mansfield & Ayzdek, 2010).

Com o intuito de subsidiar este trabalho e identificar publicações sobre este tema, foi realizada ampla pesquisa no período de 2007 a 2018 no *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL) e no site do principal evento da área da Administração – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD). A busca foi feita com a palavra-chave: masculinidade.

No SPELL dos nove artigos encontrados sete estão na área da administração relacionada aos Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas. Os outros dois artigos são da área de Marketing. No site da ANPAD foram encontrados apenas seis artigos relacionados aos Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas.

Verifica-se então a pouca publicação sobre o tema na área da administração nacional. Já em relação à literatura internacional o cenário é um pouco diferente. Foi realizada também uma pesquisa através da ferramenta *Tree of Science* para identificar publicações internacionais que se relacionassem aos objetivos deste estudo. A pesquisa foi realizada no mesmo período com as palavras-chave *work and masculinity* e teve como resultado sessenta e sete artigos. Destes, vinte e três estavam na área da administração e tinham correlação com os objetivos deste trabalho.

Estes vinte e três artigos foram separados de acordo com as temáticas: (1) produção de masculinidades; (2) promoção de igualdades; (3) construção de identidades masculinas; (4) desigualdades; (5) renda e participação nas tarefas; (6) homens migrantes; (7) mudança de papel social; (8) masculinidades (diversas); (9) novas masculinidades.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é discutir a crise do masculino e a partir dela as marcas da masculinidade atual. Este estudo sob a perspectiva da administração visa investigar

quais aspectos se alteraram a partir da crise do masculino, do modelo de masculinidade tradicional para a masculinidade atual. As marcas da masculinidade representam as alterações mais profundas entre estes dois modelos.

O referencial teórico discorre sobre a crise do masculino e suas causas, a ruptura no conceito de masculinidade universal como resposta aos esforços de movimentos sociais que contestavam a masculinidade tradicional. Além disso, discute a inserção das nomenclaturas: masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas e finaliza com o enfoque nas marcas da masculinidade atual. Foram discutidas três frentes relacionadas as marcas da masculinidade: o trabalho, a paternidade e a divisão de responsabilidades domésticas.

CRISE DO MASCULINO

O conceito de masculinidade universal que diz da dominação do homem sobre a mulher tanto no âmbito privado do lar quanto no ambiente de trabalho perdurou até a década de 1990. Entretanto, esse conceito se rompe com o resultado dos esforços direcionados ao estudo sobre o masculino, iniciados desde a metade da década de 1970 (Badinter, 1993).

Assim como ocorre também a quebra de valores. A guerra, a competição e a dominação, por exemplo, passam a serem vistas com maus olhos. Já os valores relacionados ao feminino como “a vida, a compaixão, o perdão e a ternura” são enaltecidos (Badinter, 1993, p. 149).

Os estudos sobre a masculinidade foram desenvolvidos com grande abarcamento teórico, visto que englobaram estudos de movimentos de contestação do masculino datados, por exemplo, desde o século XVII. Isso ocorreu com o movimento das Preciosas, um grupo feminista originado na França, no qual as mulheres questionavam o poder dado aos homens e o espaço a elas dado pela sociedade, pois até o século XIX perante a lei, os direitos das mulheres eram equivalentes aos de crianças e de escravos (Silva & Santos, 2016). Elas não tinham autonomia para administrar propriedades, possuir direito civis e políticos, como o acesso ao voto (Hita, 2002; Sarti, 2004; Silva & Santos, 2016). E devido a estas limitações, as mulheres se encontravam subjugadas pelos homens (Calás & Smircich, 1999; Saffioti, 2015; Silva & Santos, 2016). Logo, as Preciosas buscavam a conquista de direitos sociais, empregos e liberdade sexual (Badinter, 1993).

Outros movimentos e grupos de contestação também contribuíram para o questionamento da masculinidade tradicional, como grupos feministas (Sarti, 2004; Silva & Santos, 2016), o movimento gay (Monteiro, 2000), a contracultura (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006) e alguns grupos de homens que não se identificavam com o modelo de masculinidade tradicional como os militantes dos direitos humanos, os ecologistas e os pacifistas (Badinter, 1993).

Com relação aos grupos feministas, o questionamento centrava-se nas relações de poder, exercidas pelos homens sobre as mulheres tanto no âmbito público quanto privado, como no valor dado a virgindade e a designação de papéis sociais pré-estabelecidos a serem desempenhados por homens e mulheres (Arruda & Lima, 2013; Connell & Pearse, 2015). O movimento gay, que teve como ponto central em sua luta a questão sexual, colaborou fortemente com o movimento feminista ao apoiá-lo principalmente na luta pela liberação sexual das mulheres (Carrigan et al., 1987), uma vez que questionavam a heterossexualidade como norma universal para constituição da família, na qual as mulheres e as crianças estavam submetidas ao poder masculino. Dessa forma, o desenvolvimento teórico elaborado sobre “o poder dos homens sobre as mulheres” foi imprescindível para a luta das mulheres e sua libertação (Carrigan et al., 1987, p.109).

Houve também a contracultura, um movimento originário dos Estados Unidos, chegando ao Brasil nos anos 1970, sendo propagado pelos meios da música e do cinema,

alcançando então grande público entre os jovens (Moreira & Santos, 2014). A contracultura tinha como um dos seus objetivos questionar qualquer tipo de autoridade, de natureza paterna, militar ou escolar, bem como padrões culturais tradicionais (Oliveira, 2015). Posteriormente novos temas entraram em pauta como “o feminismo; a liberação sexual; as modificações na estrutura da família; a flexibilização das hierarquias e da autoridade” (Cardoso, 2005, p. 93). Este movimento contribuiu então ao buscar novos caminhos para se viver em sociedade que não fosse o modelo tradicional. Monteiro (2000) ressalta uma mudança social que também incidiu na crise do masculino. Na visão do autor a crise gerou um forte debate a respeito da sexualidade entre 1969-1972, a qual resultou, em conjunto com os outros movimentos, na ruptura de padrões sociais tradicionais.

Todos estes acontecimentos contribuem para a quebra do conceito de masculinidade universal que incide em um novo entendimento sobre a existência de masculinidades “hegemônicas e subalternas” (Eccel & Grisci, 2011, p.75). É a partir dos estudos de ativistas gays que ocorre o estabelecimento da nomenclatura “masculinidade hegemônica” (Giffin, 2005), usada para se referir a homens que exercem o poder não só sobre as mulheres, mas também sobre outros homens vistos como pertencentes a masculinidades subalternas, sendo eles homossexuais, homens afeminados, ou aqueles que demonstram fraqueza (Carrigan et al., 1987), também os bissexuais, negros e pobres (Fialho, 2006).

O modelo de hegemonia é um modelo idealizado de masculinidade, que corresponde na verdade há um pequeno número de homens (Carrigan, et al., 1987). O que este modelo faz é dar voz a ideais, fantasias e desejos propagados em sua maioria através dos meios de comunicação (Connell & Messerschmidt, 2013). Ele serve como parâmetro tanto de busca por semelhanças como de diferenciação para tantas outras masculinidades e também para as feminilidades, e isso ocorre através de práticas sociais (Fialho, 2006; Giffin, 2005).

O modelo hegemônico apesar de propiciar vantagens sociais como dominação sob os mais fracos incide em grande parte em pontos negativos para os homens, como a construção da masculinidade baseada em negações de sentimentos e expressões (Wang et al., 2006), negação em ter uma aparência física ou comportamental que se assemelhe a um ser afeminado (Welzer-Lang, 2001; Beraldo & Trindade, 2016; Carmo, 2010), distanciamento de atitudes femininas como demonstração de afeto (Monteiro, Marko, 2013), e também falta de aceitação de seus estados emocionais (Birch, Baldry & Hartley, 2017; Graef, Tokar & Kaut, 2010).

Outra importante área que é negativamente impactada se refere à saúde, os homens que representam um modelo mais próximo do tradicional mostram mais dificuldade em procurar atendimento médico (Davis & Liang, 2015; Addis et al., 2010), o que os leva a serem atendidos, em sua maioria, no âmbito da emergência e não de um tratamento preventivo (Nascimento, Segundo & Baker, 2009). Talvez por isso há uma menor expectativa de vida dos homens em relação as mulheres (Himmelstein & Sanchez, 2015). Badinter (1993), por exemplo, aponta que em países ocidentais essa média de tempo se refere a oito anos de vida a menos para estes homens.

O modelo hegemônico persiste na sociedade ao longo do tempo porque as características que o compõem não são estáticas, elas se adaptam as referencias sociais do tempo histórico e do contexto vivido (Duncanson, 2015; Connell, 2005). Por isso as várias contestações aos modelos de masculinidade são importantes, uma vez que abrem espaço para novas formas de ser masculino, como maior aceitação para o pai demonstrar afeto e proximidade com os filhos, abertura social para o homem se preocupar com a saúde e o bem estar, bem como espaço para os homens exercerem profissões que antes eram vistas apenas como femininas (Araújo, 2005), além da busca por maior igualdade de gênero (Addis et al., 2010). O desenvolvimento de todos estes estudos sobre modelos tradicionais, desempenho de papéis sociais e seus questionamentos são uma resposta a luta feminista, bem como novos espaços para atuação e possibilidades de se enxergar o homem (Silva, 2000; Araújo, 2005).

Os questionamentos feitos à masculinidade revelaram uma crise de identidade não só masculina, mas de forma geral, uma crise da sociedade (Grossi, 2004; Araújo, 2005; Miranda, 2010). Como afirma Badinter (1993), Carrieri, Diniz, Souza & Menezes, (2013) e Martinez e Paterna-Bleda (2013) as masculinidades são forjadas juntamente com as feminilidades, ou seja, as características do que é ser homem depende do que é ser mulher. Se o modelo feminino se altera conseqüentemente haverá mudanças também no masculino. Os movimentos de contestação ao abrirem novos espaços para o homem também o levou a ganhar relevância na luta pela igualdade global de gênero, de acordo com o Relatório dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio 2013, realizado pela ONU (Wanner & Wadham, 2015).

De acordo com Wanner e Wadham, (2015), estas mudanças pelas quais os homens passaram e estão passando e que podem ser observadas em novos modelos de masculinidade, realocam seu lugar na sociedade. Se antes eram percebidos como um problema devido à dominação que exerciam sobre as mulheres, agora de uma forma geral, são vistos como parte da solução rumo à equidade de gênero. Os valores que eram vinculados apenas ao feminino já se tornam parte do mundo masculino, como qualidades ligadas a “sensibilidade, polidez e educação” (Souza, Bianco & Junquillo, 2015, p.283). Kray, Howland, Russel e Jackman (2017) enfatizam que a mudança visando à equidade de gênero, ou seja, tratamento igual para ambos os sexos, só é possível através do trabalho conjunto do homem e da mulher.

MARCAS DA MASCULINIDADE ATUAL

1. Trabalho

Uma das marcas da masculinidade é o trabalho, pois proporciona ao homem uma independência financeira, acesso ao mundo público e a edificação da própria estrutura familiar (Nolasco, 1993; Carmo, 2010; Louro, 2015). O trabalho é visto como a atividade que molda a essência dos valores do homem ao torná-lo um indivíduo reconhecido ante a sociedade (Nolasco, 1993). O reconhecimento do trabalho se revela também em valor pessoal, ser provedor do lar o torna um homem honrado (Wang, et al., 2006; Nolasco, 1993). Outra característica importante é o fato de que o trabalho remunerado está vinculado ao espaço fora do lar (Carmo, 2010).

O trabalho era importante para o homem mesmo antes da revolução industrial, através de sua força física ele tirava o sustento da família dos campos agrícolas. Já com a revolução industrial, a forma de sustento da família passou a ser o salário. Este trabalho é também seu modelo de honra, pois honrado é o homem que sustenta sua família (Grossi, 2004).

De acordo com a literatura, percebe-se que a crise da masculinidade se inicia na era industrial. As funções exercidas nas fábricas pelos homens geravam um trabalho repetitivo, mecanicista e sem emoção, ou seja, sem a chance de repassar um conhecimento ou usar a imaginação para criar algo (Badinter, 1993). Outra razão pode ser relacionada à entrada das mulheres no mercado de trabalho, o que leva os homens a não serem mais os únicos provedores da família, mesmo o salário da mulher sendo na maioria das vezes menor que do homem, ele passa a não ser o único provedor do lar (Giffin, 2005; Crepaldi et al., 2006).

Em um período em que a cobrança ao trabalhador é crescente na execução de tarefas multifacetadas, aqueles que perdem seus empregos são vistos com maus olhos pela sociedade, ou seja, percebidos como pessoas que não se esforçaram o suficiente para a manutenção do seu trabalho (Carmo, 2010). O sofrimento que advém de tal situação leva-os a se sentirem falhos em seus papéis e deveres para com a família (Nascimento et al., 2009; Novaes, 2013). Um homem sem o emprego, não será apenas um desempregado, mas será também um homem visto como subalterno perante os outros homens que mantiveram seus empregos (Welzer-

Lang, 2001).

Logo, percebe-se que os valores ligados à manutenção do sistema masculino de trabalho tradicional se referem a “racionalidade, poder e força” (Corrêa, Gontijo, Assis, Carrieri & Melo, 2007), e é sobre esses adjetivos que o homem será subalterno.

Por isso, alguns autores vinculam a crise do masculino primariamente com a crise do trabalho, e posteriormente com os movimentos de contestação do masculino os quais interpelavam os papéis sociais pré-estabelecidos ao comportamento dos homens e das mulheres (Nolasco, 1993; Badinter, 1993; Carmo, 2010). O questionamento de papéis sociais abre um importante espaço para a busca de relações mais igualitárias. A abertura para novas formas de ser masculino proporcionado pelas crises da masculinidade são essenciais na luta que visa à igualdade em direitos e em práticas sociais, para homens e mulheres, tanto no ambiente de trabalho quanto no ambiente do lar (Addis et al., 2010; Friedman, 2015).

De acordo com Eccel e Grisci (2011), Carmo (2010), Connell e Messerschmidt, (2005) o tempo histórico é fator primordial na construção das masculinidades. Roberts (2012) acrescenta que a construção das masculinidades depende não só do tempo histórico vivido, mas principalmente do contexto social.

Pesquisas desenvolvidas sobre a construção de masculinidade mostram que diferentes tipos de masculinidades são desenvolvidos a partir de diferentes campos de trabalho.

No Reino Unido e na Inglaterra a partir do campo de trabalho de serviços no varejo, em um contexto com características como: baixos salários, baixo status e poucas perspectivas, os homens conseguem validar uma nova forma de masculinidade, a masculinidade inclusiva. A masculinidade forjada nesse ambiente se mostra mais equitativa no que se refere ao trabalho doméstico. Há o gosto por cozinhar e a vontade de se envolverem ativamente com a parte difícil da educação e dos cuidados com os filhos (Roberts, 2012, 2017).

Já pesquisa realizada no Havaí, na Califórnia e na Austrália referente ao trabalho de artesanato manual realizado por homens na construção de pranchas de surfe mostra que as qualidades utilizadas neste ofício envolvem a emoção, o tato e a percepção. Nesse contexto estes homens validam a masculinidade alternativa. Esta masculinidade está focada nas relações interpessoais tanto com os colegas de profissão quanto com a comunidade, ela se mostra mais inclusiva, tolerante e equitativa (Warren, 2016).

Em Chicago, encontrou-se a masculinidade denominada pacifista em um ambiente bastante desfavorável, uma vez que a pesquisa se tratava de homens que praticavam a prostituição de rua. Este modelo de masculinidade se distingue pelos grandes esforços realizados por esses homens para não se envolverem em atos violentos, e por sua aproximação a modelos de masculinidade subalterna (Oselin, 2016).

Alguns artigos também ressaltam que a imigração é uma forma de ressignificar a masculinidade. Pesquisas realizadas com imigrantes no Sri Lanka e em Londres tratam de um modelo de masculinidade flexível, na qual o homem se presta a realizar trabalhos considerados de classe baixa ou femininos, como o trabalho doméstico tendo como objetivo o sustento familiar (Nare, 2010; Batnitzky, McDowell & Dyer, 2009). A singularidade entre estas pesquisas é que no Sri Lanka, os homens imigrantes não mantêm essa masculinidade quando se trata da convivência com a própria família ou a própria comunidade. Para tais momentos há um retorno aos modelos tradicionais, reafirmando o poder do contexto para a expressão do modelo de masculinidade (Nare, 2010).

As masculinidades podem ser então fluidas, ou seja, dependem do contexto vivido. Sendo que o mesmo indivíduo pode apresentar diferentes versões da masculinidade dependendo do contexto no qual está inserido (Quayle, Lindegger, Brittain, Nabee & Cole, 2017). Estes estudos além de apontarem que as masculinidades podem ser construídas de acordo com cada contexto, também mostram que o principal valor da atribuído a masculinidade ainda prevalece, o sustento da família (Batnitzky et al., 2009). Logo, a

construção da masculinidade perpassa o tempo histórico vivido e também o contexto ao qual o homem está inserido.

2. Paternidade

A paternidade é também uma marca na identidade dos homens (Nolasco, 1993), afinal o fato de ser pai o exhibe como um legítimo reprodutor (Nolasco, 1993). Se tornar pai reafirma o desempenho sexual de um homem, ou seja, ser provedor da vida exalta sua potência sexual, uma vez que ser ativo sexualmente integra as características da construção da masculinidade (Wang et al., 2006).

Pode-se observar uma profunda alteração na paternidade nos últimos 50 anos, isso devido a grande diferença entre a postura do pai tradicional e os novos comportamentos dos pais na contemporaneidade (Nolasco, 1993; Silva & Piccinini, 2007; Arruda & Lima, 2013).

O feminismo contribuiu para as mudanças no comportamento paterno ao questionar o homem em suas diversas posições, contestando também a paternidade. E ao fazê-lo abriu espaço para a incidência de ponderação nesses comportamentos, colaborando assim para as mudanças sociais na atuação dos papéis paternos (Hennigen & Guareschi, 2002; Wagner, Predebon & Mosmann, 2005; Arruda & Lima, 2013). Tais modificações na forma de expressar a paternidade são resultado de alterações ocorridas nas perspectivas sociais (Silva, 2000; Nascimento et al., 2009)

Se no modelo tradicional de paternidade prevalecia o afastamento emocional, a agressividade e a falta de diálogo (Gomes & Resende, 2004; Del Priore, 2013), no modelo contemporâneo os pais criam laços afetivos através da dedicação nos cuidados pessoais e da participação na educação, sendo que tais atitudes ganham cada vez mais força e reconhecimento social (Freitas, 2002, Gomes & Resende, 2004; Araújo, 2005; Arruda & Lima, 2013). Ou seja, a agressividade e a intolerância atribuídas ao antigo comportamento já não encontram espaço de aceitação na sociedade como antigamente (Nolasco, 1993; Silva & Piccinini, 2007; Arruda & Lima, 2013).

No âmbito internacional, em países como o Canadá e os EUA, por exemplo, alguns grupos de homens na década de 1960 que tinham interesse em buscar novas formas de viverem a paternidade, formaram grupos de reflexão focados em trabalhar dois objetivos, o primeiro era referente às suas experiências como filhos e a atuação de seus pais no modelo tradicional, e a segunda era a possibilidade de criar novos modelos de paternidade a qual pudessem adotar diferentemente daquele em que foram educados, modelos mais participativos e atuantes, ou seja, baseado em preceitos distintos do modelo tradicional (Wang, et al., 2006).

No Brasil pode-se destacar, por exemplo, as políticas públicas que visam através da inserção masculina em áreas como educação e saúde, tratar questões como a paternidade a fim de aproximar o pai da criança. Tais políticas podem ser citadas como o incentivo público para que o pai seja mais atuante no cuidado com o filho antes mesmo de seu nascimento. Um exemplo é o programa “Pai não é visita” implantado através de políticas públicas desde 2005 com o intuito de incentivar homens a participarem ativamente nas etapas da gestação até o pós-parto dos filhos (Nascimento, et al., 2009, p.22).

Ações como essas objetivam criar vínculos entre pai e filho, levar o pai a entender sua importância na vida das crianças, a importância de seus cuidados e proximidade, tanto quanto sua capacidade para demonstrar afeto (Nascimento et al., 2009).

Três fenômenos contemporâneos destacam-se referente à paternidade, o primeiro “são as modificações nas formas de casamento e nos tipos de família”, deixando de ser patriarcal, modelo no qual o homem tinha voz absoluta sobre a família, para ser conjugal, modelo este que se configura pela união por livre e espontânea vontade entre as partes. O segundo fenômeno se refere ao fato das famílias que antes eram numerosas passarem a ser compostas

por um número reduzido de filhos. A terceira abrange a área da ciência e tecnologia, com o desenvolvimento de tecnologias reprodutivas, o que possibilita a concepção da vida por outro meio que não seja o método tradicional. Assim, a forma de se tornar pai se diversificou, bem como a variedade de papéis de pai que os homens podem desempenhar (Del Priore, 2013, p.182).

A imagem do pai se alterou, a figura do patriarca impaciente e arrogante cedeu espaço para viver uma proximidade através do cuidado físico e emocional do filho (Nolasco, 1993; Nascimento et al., 2009). Em novos modelos de comportamento percebeu-se que a atuação dos pais na vida dos filhos pode ser ativa, e não mais como apenas um mero expectador (Crepaldi et al., 2006). Pela dedicação do pai ao filho, com o desenvolvimento do vínculo afetivo proporcionado pela proximidade na convivência, a criança tem a oportunidade de conhecer uma nova forma de amor paterno (Nolasco, 1993; Silva & Piccinini, 2007). Para o homem, estes novos padrões de paternidade, cujos preceitos valorizam as ligações afetivas, se mostram fonte de um novo saber, uma vez que ao se tornar pai, o homem tem a “possibilidade de ampliação de suas dimensões internas e de renovação de sua relação com a vida”. É através do convívio com os filhos que os laços afetivos se desenvolvem. Se tornar pai também é uma oportunidade para o homem se remodelar emocionalmente ao criar novas conexões afetivas com a criança (Nolasco, 1993, p. 70).

Aqueles homens que se estabelecem nestes novos modelos de comportamento, tendem a educar os filhos de uma forma diferente da qual foram educados, pois buscam uma participação mais ativa na vida do filho através do convívio no dia a dia (Jablonski, 2010).

A atuação paternal mais efetiva no que se refere a educação e o cuidado com os filhos são as diferenças que mais se destacam do modelo tradicional para novos modelos paternos, contudo essa participação ainda não é igualitária. A atuação masculina neste quesito ainda aparece como uma forma de ajuda à mulher, e não como uma responsabilidade intrínseca ao masculino (Wang, et al., 2006; Silva & Piccinini, 2007; Jablonski, 2007; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Jablonski, 2010). No que se refere aos cuidados com as crianças, por exemplo, os homens privilegiam atividades que visam à interação por meio de brincadeiras ao invés da orientação do estudo, a instrução e a higiene (Perista, 2002).

Contudo, de acordo com Teykal e Rocha-Coutinho (2007) novas formas de paternidade e a possibilidade de apoiar de forma mais efetiva a esposa refletem uma mudança positiva para homens e mulheres na atualidade. Com todas essas alterações, a atuação masculina na família passa a ser percebida de forma mais positiva na sociedade. A intenção dos homens em mudar o padrão de comportamento, privilegiando uma atuação mais consciente, positiva e constante na criação de laços afetivos abre espaço para uma relação mais próxima com os filhos (Freitas, 2002).

3. Divisão de responsabilidades

O terceiro aspecto que marca a masculinidade atual se refere a um comportamento mais condicente à divisão de responsabilidades domésticas entre os cônjuges (Rocha-Coutinho, 2004; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007). De acordo com alguns autores essa mudança no comportamento masculino ocorre em consequência de outras mudanças que abrangem a esfera social e econômica. Essas alterações se referem a execução dos papéis sociais e a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, as quais contribuem diretamente para a mudança na dinâmica da vida familiar (Rezende & Alonso, 1995; Wagner et al., 2005; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Carmo, 2010; Santos & Diniz, 2011).

Na atualidade, novas formas de representar a masculinidade, divulgado principalmente através das mídias, demonstram que padrões tradicionais foram alterados (Eccel & Grisci, 2011). Um fator influenciador na constituição das mudanças para o novo homem é a

alteração das relações sociais, com a mulher exercendo trabalho laboral fora de casa, os homens passaram a sentir uma pressão social para auxiliar nas tarefas domésticas (Teykal & Rocha-Coutinho, 2007). Novos comportamentos passaram a ser requisitados aos homens, isso não apenas no que tange a divisão de responsabilidades do lar com as mulheres e com todo o grupo familiar, pois com a mulher trabalhando fora do lar, espera-se que o homem seja um companheiro ativo na divisão das tarefas e responsabilidades domésticas (Rocha-Coutinho, 2004).

A literatura ressalta que os homens ainda não dividem com as mulheres as responsabilidades de forma igualitária. Enquanto muitas mulheres executam com eficácia funções tidas como masculinas no mercado de trabalho, eles não entraram na esfera doméstica com a mesma intensidade (Fleck e Wagner, 2003). O homem colabora, mas ainda se mostra como coadjuvante no que se refere ao trabalho doméstico (Fiorin, Oliveira & Dias, 2014). A colaboração masculina se revela como a metade das horas gastas pelas mulheres nas tarefas do lar (Jablonski, 2010). Dados comparativos entre os relatórios do IBGE (2010) e (2015) mostram que não houve grandes alterações no comportamento masculino, visto que em 2010 os homens gastavam em média 9,1 horas semanais com atividades da casa e as mulheres em torno de 21,8 horas semanais. Já em 2015 os dados revelam que os homens gastam em média 11 horas semanais com atividades domésticas, enquanto as mulheres dispendem o dobro.

No que se refere à distribuição das horas consumidas pelo homem em tarefas domésticas, as atividades que os homens buscam executar são aquelas que lhe permitem usar mais a criatividade e que denotam certa nobreza como cozinhar, bem como serviços domésticos administrativos que precisam ser resolvidos no ambiente fora do lar, como serviços de bancos (Perista, 2002). De acordo com o PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Continuada (2017), a participação masculina se encontra mais fortemente em tarefas como produção para o próprio consumo, serviços de reparos e consertos na casa e em equipamentos domésticos, sendo estas as atividades mais executadas pelo homem no ambiente do lar.

Desta forma, a sobrecarga do trabalho doméstico ainda recai sobre a mulher, uma vez que ela é percebida como a responsável pela organização do lar (Perista, 2002; Bruschini, 2007; Nascimento et al., 2009; Borsa & Nunes, 2011; Arruda & Lima, 2013), uma vez que a divisão das responsabilidades da casa ainda não é percebida pelos homens como de sua alçada (Wang, et al., 2006; Silva & Piccinini, 2007; Jablonski, 2007; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Jablonski, 2010).

Enquanto a atuação das mulheres no campo do trabalho fora do lar cresce fortemente, os homens não retribuem com a mesma vitalidade a atuação no ambiente doméstico (Crompton & Lyonette, 2011; Casinowsky, 2013; Kullik, 2016). Corroborando Friedman (2015) no que se refere à percepção de divisão de tarefas no âmbito internacional. Pesquisas realizadas em outros países como na Grã-Bretanha (Crompton & Lyonette, 2011), Suécia (Casinowsky, 2013) e Israel (Kullik, 2016) reificam o entendimento de que há sobrecarga de trabalho feminino com a realização de tarefas domésticas, pois estas atividades ainda são percebidas como de responsabilidade feminina.

O contraponto é que mesmo aqueles homens que desejam realizar uma divisão de tarefas e responsabilidades mais igualitárias no lar lidam com o preconceito, pois há uma resistência para esta mudança de comportamento na sociedade (Rezende & Alonso, 1995). Os homens sofrem opressão social devido ao ritmo capitalista ditado para o trabalho e para a ordem da família, devido a constante ausência paterna no lar há dificuldade no desenvolvimento das relações afetivas (Giffin, 2004; Rezende e Alonso, 1995). De acordo com Arruda & Lima (2013), o homem que tenta apoiar a mulher em demandas da criança como uma consulta médica ou alguma atividade escolar durante o expediente de trabalho, também sofre preconceito na organização.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho é discutir a crise do masculino e a partir dela as marcas da masculinidade atual.

Através da literatura percebe-se que a construção da masculinidade não está baseada apenas no tempo histórico vivido, uma vez que o contexto ao qual o homem está inserido influi fortemente na definição de masculinidade por ele assimilada. Foi possível perceber em diversos trabalhos publicados na área da administração internacional que a partir de diferentes contextos de trabalho forjam-se diversas masculinidades.

Outro ponto muito discutido na literatura é que a crise da masculinidade resulta da crise do mundo do trabalho bem como dos esforços despendidos por diversos grupos que contestavam os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres, como as feministas, o movimento gay, a contracultura bem como homens que não se identificavam com o padrão imposto. Este modelo se desestabilizou e abriu espaço para representações diferentes nos papéis sociais e novas formas para viver a masculinidade.

Os resultados de tais mudanças se revelam nas marcas da masculinidade atual, sendo discutidas três frentes: o trabalho, a paternidade e a divisão de responsabilidades domésticas.

A primeira e mais forte marca se refere ao trabalho. A literatura ressalta a relação deste com o valor pessoal para os homens, pois ser provedor do lar o torna um homem honrado. O trabalho tem relação também com a racionalidade e o poder, e faz parte do espaço da rua, do espaço público.

Um ponto importante deste trabalho, que avança na literatura, foi discutir que as pesquisas internacionais desenvolvidas sobre a construção da masculinidade mostram que diferentes tipos de masculinidades são desenvolvidos a partir de diferentes campos de trabalho.

A segunda marca diz da participação paterna mais atuante no dia a dia com os filhos, no qual o homem se atém aos cuidados pessoais da criança e estabelece uma postura mais ativa em sua educação. Apesar disso, este cuidado em relação aos filhos se estabelece ou como “forma de ajuda” ou relacionado aos momentos de lazer. As demandas relacionadas à alimentação e higiene ainda estão na responsabilidade da mulher. Logo, o homem absorve para si atividades mais criativas e prazerosas para com os filhos.

Além disso, a maior participação do homem na divisão de tarefas domésticas como outra alteração social presente nos novos modelos de comportamento masculino também ocorre “como uma ajuda”. Várias pesquisas mostram que as atividades por eles desenvolvidas estão relacionadas ao próprio consumo (lavar suas roupas, por exemplo) e também consertos da casa. Além disso, o tempo por semana dedicado à estas tarefas ainda é a metade do tempo dedicado pelas mulheres.

Este trabalho contribui ao reforçar a importância das contestações aos modelos pré-estabelecidos para a execução de papéis sociais, pois rompe com o pensamento dominante e proporciona que homens e mulheres construam sua feminilidade e masculinidade baseado não apenas em um modelo, mas de acordo com seu tempo histórico e seu contexto.

Para futuras investigações sugere-se a aplicação de pesquisa de campo a fim de aprofundar o conhecimento sobre as mudanças nas marcas da masculinidade discutidas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Addis, M. E; Mansfield, A. K & Syzdek, M. R. (2010). Is "Masculinity" a Problem? Framing the Effects of Gendered Social Learning in Men. *Psychology of Men & Masculinity*, 11 (2), 77-90.
- Araújo, M. de F. (2005). Diferença e Igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Revista Psicologia Clínica*, 17 (2), 41 - 52.
- Arruda, S. L. S. & Lima, M. C. F. (2013, dezembro). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 201-216.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. (2a ed.). Maria Ignez Duque Estrada (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Batnitzky, McDowell e Dyer (2009). Flexible and Strategic Masculinities: The Working Lives and Gendered Identities of Male Migrants in London. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35 (8), 1275-1293.
- Beraldo, G. de S. & Trindade, E. (2016). Novos Pais, Novos Homens? Paternidade e Identidade masculina no Contexto Pós-Moderno. *Revista Pretextos*, 1(2), 56-75.
- Birch, P; Baldry, E. & Hartley, V. (2017). Procuring Sexual Services: Evidencing Masculinity Diversity and Difference Through Sex Work Research. *Sexuality & Culture* (21), 1106-1119.
- Borsa, J. C. & Nunes, M. L. T. (2011, janeiro, março). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bruschini, Maria C. A. (2007, setembro, dezembro). Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, 37 (132), 537-572.
- Calás, M. B. & Smircich, L. (1999). Do Ponto de Vista da Mulher: Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais. In: Stewart R. Clegg; Cynthia Hardy, Walter R. Nord; Miguel Caldas, Roberto Fachin, Tania Fischer. *Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*, (pp.275 – 329), Volume 1. São Paulo: Altas.
- Cardoso, Irene. (2005, novembro). A geração dos anos 1960: o peso de uma herança. *Tempo Social*, 17 (2), 93-107.
- Carmo, O. A. do. (2010, setembro). Os Homens e a Construção e Reconstrução da Identidade de Gênero In: *Seminário de Saúde do Trabalhador e V Seminário O Trabalho em Debate "Saúde Mental Relacionada ao Trabalho*, 1-14, SP: Franca.
- Carrieri, A. de P., Diniz, A. P. R., Souza, E. M. de. & Menezes, R. S. S.. (2013, julho, setembro). Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. *Brazilian Administration Review*, 10(3), 281-303.
- Carrigan, T., Connell, B. & Lee, J. (1987). Toward a new sociology of masculinity. *Theory and Society*, 22, 597-623.
- Casinowsky, G. (2013). Working Life on the Move, Domestic Life at Standstill? Work-related Travel and Responsibility for Home and Family. *Gender, Work and Organization*, 20 (3), 311-326.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities* (2a ed.) University of California Press, 324.
- Connell, W. R. & Messerschmidt, J. W. (2005, dezembro). Hegemonic Masculinity Rethinking the Concept. *Gender & Society*, 19 (6), 829-859.
- Connell, R. & Pearse, R. (2015). *Gênero uma Perspectiva Global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal a política - no mundo contemporâneo*. (3a ed.) Marília Moshkovich (Trad.) São Paulo: nVersos.
- Corrêa, A. M. H., Contijo, M. C. L., Assis, L. B. de., Carrieri, A. de P. & Melo, M. C. de O.L. (2007, abril, junho). Soldadinho-de-chumbo e Bonecas: Representações sociais do masculino

- e feminino em jornais de empresas. *Revista de Administração Contemporânea*, 11(2), 191-211.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D. & Abreu, S. R. de. (2006, setembro, dezembro). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Crompton & Lyonette (2011). Women's Career Success and Work-life Adaptations in the Accountancy and Medical Professions in Britain. *Gender, Work and Organization*, 18 (2).
- Davis, J. M & Liang, C.T.H. (2015). A teste of the mediating role of gender role conflict: latino masculinities and help-seeking attitudes. *Psychology of Men*, 16 (1), 23-32.
- Del Priore, M. (2013). Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In: Mary Del Priore, Marcia Amantino (orgs). *História dos Homens no Brasil* (pp.153 – 184). São Paulo: Editora Unesp.
- Duncanson, C. (2015). Hegemonic Masculinity and the possibility of change in gender relations. *Men and Masculinities*, 18(2) 231-248.
- Eccel, C & Grisci, C. L. (2011, janeiro, março). Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(1), 57-78.
- Fialho, F. M. (2006). Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. Lisboa, Portugal: *Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa*.
- Fleck, A. C. & Wagner, A. (2003). A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 31-38.
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T. de. & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35.
- Freitas, M. de A. (2002, janeiro, junho). A masculinidade hegemônica na cultura brasileira. *Revista de Psicologia*, 20(1), 28-41.
- Friedman, S. (2015). Still a "Stalled Revolution"? Work/Family Experiences, Hegemonic Masculinity, and Moving Toward gender equality. *Sociology Compass*, 9 (2): 140–155.
- Graef, S. T., Tokar, D.M. and Kaut, K..P. (2010). Relations of Masculinity Ideology, Conformity to Masculine Role Norms, and Masculine Gender Role Conflict to Men's Attitudes Toward and Willingness to Seek Career Counseling. *Psychology of Men & Masculinity*, 11 (4), 319–333.
- Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (1), 47-57.
- Gomes, A. J. da S. & Resende, V. da R. (2004, maio, agosto). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 119-125.
- Grossi, M. P. (2004). Masculinidades: Uma revisão teórica. *Revista Antropologia em Primeira Mão da Universidade Federal de Santa Catarina*, 7, 21-42.
- Hennigen, I. & Guareschi, N. M. de F. (2002, janeiro, junho). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia e Sociedade*, 14(1), 44-68.
- Hita, M. G. (2002). Igualdade, Identidade e Diferença(s): Feminismo na reinvenção dos sujeitos. In: *Gênero em Matizes*. Organizadoras: Almeida, Heloisa Buarque; Ramirez, Martha Célia; Souza, Érica Renata. Bragança Paulista, Universidade São Francisco (p.319-351).
- Himmelstein, M. S. & Sanchez, T. D. (2015, december). Masculinity in the doctor's office: Masculinity, gendered doctor preference and doctor-patient communication. *Preventive Medicine*, 84 (2016) 34–40
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. *Censo Demográfico: Resultados do Universo – características da população e dos*

- domicílios*. Brasil: IBGE, Recuperado a partir de <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>. Acesso em 21 abr. 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *PNAD Contínua: Outras Formas de Trabalho 2017*. Recuperado a partir de <https://loja.ibge.gov.br/pnad-continua-outras-formas-de-trabalho-2017.html>. Acesso em 23 de mai. de 2018.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: A difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação*, 203-228. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jablonski, B. (2010). A Divisão de Tarefas Domésticas entre os Homens e Mulheres do Cotidiano do Casamento. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Kray, L.J., Howland, L., Russel, A.G. & Jackman, L.M. (2017). The Effects of Implicit Gender Role Theories on Gender System Justification: Fixed Beliefs Strengthen Masculinity to Preserve the Status Quo. *Journal of Personality and Social Psychology*, 112 (1), 98-115.
- Kullik, L. (2016). Explaining Men's and Women's Participation in Household Labor: Is There a Need to Reconsider Existing Theoretical Perspectives? *Asian Women*, 32 (4), 45-72.
- Louro, G. L. (2015). Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi Pinsky (coord). *História das Mulheres no Brasil*. (10a ed), reimpressão. (pp. 443-481). São Paulo: Contexto
- Martínez, C. & Paterna-Bleda, C.(2013). Masculinity Ideology and Gender Equality: Considering Neosexism. *Annals of Psychology*, 29 (2).
- Miranda, C. E. S. (2010, junho). A angústia na cena contemporânea e os avatares da masculinidade. *Reverso*, 32 (59), 55-60
- Monteiro, M.. (2000). *Tenham Piedade dos Homens! Masculinidades em Mudança*. Juiz de Fora: FEME.
- Monteiro, M. (2013). Masculinidades em revista: 1960-1990. In: Mary Del Priore, Marcia Amantino (orgs). *História dos Homens no Brasil* (pp. 333-358). São Paulo: Editora Unesp.
- Moreira, M. B. C. & Santos, R. dos (2014). O caso do Som Imaginário: contracultura, experimentação. *Revista Acadêmica de Musica -Per Musi*, 30, 87-97.
- Nare, I. (2010). Sri Lankan Men Working as Cleaners and Carers: Negotiating Masculinity in Naples. *Men and Masculinities* 13(1) 65-86.
- Nascimento, M., Segundo, M. & Barker, G. (2009). Homens, Masculinidades e Políticas Públicas: aportes para equidade de gênero. *PROMUNDO*, 1-32.
- Nolasco, S. (1993). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Novaes, J. de V.(2013). “Aqui tem homem de verdade”. Violência, força e virilidade nas arenas de MMA. In: Mary Del Priore, Marcia Amantino (orgs). *História dos Homens no Brasil* (pp. 359 -386). São Paulo: Editora Unesp.
- Oliveira, E. S. de. (2015, julho/dezembro). Rasga Coração, de Vianinha, e Hair: Aproximação e distanciamento num contexto de contracultura. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 46, 301-325.
- Oselin, S (2016). You Catch More Flies With Honey: Sex Work, Violence, and Masculinity on the Streets. *Sociological Forum*, 31(1).
- Perista, H. (2002). Gênero e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, 37 (163), 447-474.

- Quayle, M; Lindegger, G; Brittain, K; Nabee, N & Cole, C (2017). Women's Ideals for Masculinity Across Social Contexts: Patriarchal Agentic Masculinity is Valued in Work, Family, and Romance but Communal Masculinity in Friendship. *Sex Roles*.
- Rezende, A. L. M., & Alonso, I. L. (1995). O perfil do pai cuidador. *Journal of Human Growth and Development*, 5(1-2).
- Roberts, S. (2012). Boys Will Be Boys ... Won't They? Change and Continuities in Contemporary Young Working-class Masculinities. *Sociology*, 47 (4), 671-686
- Roberts, S. (2017): Domestic labour, masculinity and social change: insights from working-class young men's transitions to adulthood, *Journal of Gender Studies*.
- Rocha-Coutinho, Maria Lúcia (2004). Novas Opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 2-17.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado Violência*. 2º ed. Expresso Popular: Fundação Perseu Abramo, São Paulo.
- Santos, L. da S. & Diniz, G. R. S. (2011). Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. *Psicologia Clínica*, 23(2), 137-149
- Sarti, C. A. (2004, maio, agosto). O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (2), 35-50.
- Silva, S. G. da. (2000). Masculinidade na História: A Construção Cultural da Diferença entre Sexos. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(3), 8-15.
- Silva, M. da R. & Piccinini, C. A. (2007, outubro, dezembro). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 24 (4), 561-573.
- Silva, B. C. de S. L. & Santos, T. C.da. C. (2016). *O que é feminismo e quais são suas vertentes?* . In: Ramos, Marcelo Maciel., Brener, Paula Rocha Gouveia., Nicoli, Pedro Augusto Gravatá (orgs). *Gênero, Sexualidade e Direito uma introdução* (pp. 40 – 49). Belo Horizonte: Editora Initia Via.
- Souza, E. de M., Bianco, M. de F. & Junquilha, G. S. (2015). Contestações sobre o Masculino no Contesto do Trabalho: Estudo Pós-Modernista em Mineradoras e as Siderurgias. *Revista de Administração Contemporânea*, 19 (3), 269-287.
- Teykal, C. M. & Rocha-Coutinho, M. L. (2007, setembro, dezembro). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Revista Psico*, 38(3), 262-268.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005, maio, agosto). Compartilhar tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wang, M. L., Jablonski, B.. & Magalhães, A. S. (2006). Identidades Masculinas: Limites e Possibilidades. *Psicologia em Revista*, 12(9), 54-65.
- Wanner, T. & Wadham, B. (2015). Men and Masculinities in International Development: "Men-streaming" Gender and development? *Development Policy Review*, 33 (1), 15-32.
- Warren, A. (2016). Crafting masculinities: gender, culture and emotion at work in the surfboard industry. *Gender, Place and Culture: a journal of feminist geography*, 23 (1), 36-54.
- Welzer-Lang, D. (2001, 2 sem). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460 -482.